

Forças Armadas, Ministério da Defesa Nacional e linguagem

A instituição militar, mais especificamente as Forças Armadas, foi, desde os primórdios da História de Portugal, um dos baluartes do nosso País.

Por muito que custe aos anti-Forças Armadas, aos anti-militares (que, ignorantes, confundem anti-militarismo com anti-militar), contra ventos e marés, as Forças Armadas continuam a constituir a última esperança dos portugueses (e das portuguesas, para utilizar o hoje politicamente correcto...), quando as perspectivas no horizonte nos apresentam sinais de forte tormenta.

Essa condição tem provocado que, ao longo da História, muitos tenham tentado (e conseguido, mais vezes que o desejável...) aproveitar as Forças Armadas, para impor os seus desígnios.

Normalmente, através da deturpação e da deformação do sentimento ético e patriótico dos militares, conduzindo-os para posições opostas às que as suas iniciativas preconizavam.

Foi assim em 1926, com a transformação de um golpe que pretendia regenerar os valores democráticos, pondo fim à corrupção e à bagunça dos partidos políticos, num caminho para uma ditadura, que nos havia de subjugar durante 48 anos.

Ditadura inicialmente militar, mas rapidamente transformada em ditadura civil (ainda que suportada nas Forças Armadas).

Situação natural em todo o mundo. São raras as ditaduras militares!

Tal como não são as Forças Armadas que declaram a Guerra ou a Paz - isso compete ao poder político - também a natureza dos regimes não é normalmente definida pelas Forças Armadas.

Com o 25 de Abril, as Forças Armadas portuguesas redimiram-se junto do seu povo, derrubaram a ditadura e devolveram a Liberdade e o Poder à sociedade, de que fazem parte integrante.

Também aqui, houve quem tentasse deturpar as verdadeiras intenções dos Capitães de Abril, dirigindo a sua força para criar uma nova situação ditatorial (no sentido do 28 de Maio, ou no sentido contrário...).

A sociedade portuguesa lutou contra essas tentativas mas, se teve êxito, temos de reconhecer (por mais suspeito que, como interveniente activo, tive nesse processo) que isso se deveu essencialmente à acção desenvolvida pelos Capitães de Abril.

O que os colocou, enquanto colectivo e por direito próprio, nas páginas de ouro da nossa História de quase 900 anos.

Fizeram um acto único na História universal, disso muito se orgulham e sentem honrados.

Lamentavelmente, em Portugal, o poder político democrático não consegue, não sabe, compreender e respeitar a idiossincrasia dos militares e das nossas Forças Armadas.

Em resultado dessa incompreensão, que resulta em ignorância, a escolha dos titulares da Defesa Nacional tem sido, ao longo dos tempos, de uma infelicidade impressionante! Cada um pior que o outro, resultante de os decisores, sobre Forças Armadas, "não saberem, não quererem saber e ter raiva a quem sabe"!

A destruição das Forças Armadas só ainda se não consumou por completo, porque a natureza dos seus elementos a tudo tem resistido!

É certo que a conjuntura internacional tem ajudado, mas é minha convicção que tem sido essencialmente o sentimento democrático, que o 25 de Abril consolidou nos militares, a razão principal de ainda não ter havido tentativas aventureiras de novas soluções ditatoriais.

Felizmente, o amor e respeito à Constituição da República tem-se sobreposto ao desânimo, à frustração e à revolta íntima dos militares. Confio que continue!

As Forças Armadas podem orgulhar-se de ter mantido a primazia do poder político, na nossa sociedade!

Nunca sendo de mais realçar que foram as Forças Armadas que, de motu próprio, assim o quiseram, assim o impuseram!

O que, face ao incompreensível comportamento do referido poder político, me leva muitas vezes a questionar sobre se esse poder político "não perdoa aos militares o terem sido eles a derrubar a ditadura e a 'impor' a democracia"!?

E também porque os políticos, ao não compreenderem as Forças Armadas e a sua natureza de Instituição Nacional, confundem subordinação com subserviência!...

Acabamos de ser confrontados, estamos a vivê-lo ainda, com um autêntico enxovalho às Forças Armadas e aos militares, perpetrado pelo Ministério da Defesa Nacional!

Poderão alegar com os tempos que correm, com a moda do politicamente correcto, com o quer que seja!

As Força Armadas e os militares foram (e estão, enquanto não houver retractação) extraordinariamente ofendidos na sua honra! Pessoalmente, não consigo ver a situação de outra maneira.

O Titular da Defesa Nacional parece argumentar que a responsabilidade da ofensa caberá a um secretário do ministério (certamente, um qualquer boy incompetente), com o total desconhecimento do próprio.

Se assim é, ao senhor Ministro tenho de lembrar uma das "máximas" dos militares (acredito que estou a lembrar, não a ensinar): A responsabilidade última é sempre do Comandante!

Sabemos e concordamos consigo, quando afirma que há assuntos muito mais importantes na área da Defesa Nacional, que se impõe resolver! Sim, mas, por gentileza, não se escude nisso! Este agravo é tão forte, tem importância tal, que não pode "ser deitado para debaixo do tapete!" Encare-o de frente! ... e, de seguida, agarre a resolução desses outros problemas, de forma capaz e diferente do que o Senhor e os seus antecessores têm feito!

Por isso, senhor MDN, se ainda não responsabilizou e demitiu o dito secretário, não hesite e faça-o de imediato. Em alternativa, tome a única atitude decente, que pode ainda salvar a sua honra: Demita-se do cargo que ocupa!

Quanto aos responsáveis máximos das Forças Armadas, dizem-me que pensam ignorar a directiva!

Meus caros camaradas, com a autoridade moral que considero o meu currículo (militar e politico-militar) me dá, faço-vos aqui um apelo: não se limitem a ignorar! Denunciem e afirmem, clara e inequivocamente, que rejeitam e não cumprirão! E, se o poder político vos não compreender, não hesitem, batam com a porta!

Cordiais saudações de Abril

Vasco Lourenço

P.S.

No momento em que atravessamos uma grave crise, mas também no momento em que as nossas Forças Armadas se continuam a prestigiar, seja na componente de intervenção externa, seja no empenhamento da resposta às enormes dificuldades internas que atravessamos, Portugal e os seus dirigentes máximos não necessitavam, nem merecem uma situação tão aberrante como esta...

Por último, esclareço as razões que me levam a assumir esta posição pessoal:

- Foram inúmeros os camaradas que me fizeram chegar o seu repúdio e a sua revolta.
- Isso já poderia ser suficiente, mas o facto de me considerar co-responsável com os autores principais do estabelecimento de um Estado Livre e Democrático em Portugal, não abdicando de continuar a luta pelo seu aperfeiçoamento e consolidação, impõe-me o dever de intervenção cívica.

É isso que procuro que a Associação 25 de Abril, a cujos destinos presido, faça!

É isso que, em termos individuais, não posso deixar de protagonizar!

Também aqui, espero não desiludir os meus camaradas Capitães de Abril, honrando a Memória dos que já não estão fisicamente connosco.